

Bianca Camargo Martins
(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 2



Atena
Editora
Ano 2019

Bianca Camargo Martins
(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E78 O essencial da arquitetura e urbanismo 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa (SP):
Atena Editora, 2019. – (O Essencial da Arquitetura e Urbanismo;
v. 2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-266-1
DOI 10.22533/at.ed.661191704

1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Martins,
Bianca Camargo. II. Série.

CDD 720

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nos dias de hoje, é muito discutido o papel social da Arquitetura e do Urbanismo. Por muitos anos, o papel social foi interpretado apenas como a arquitetura específica para as camadas populacionais de menor renda, sem acesso ao mercado formal de moradias – e de arquitetura. Porém, com a crise urbana em que vivemos atualmente, onde grandes parcelas da população não tem acesso às “benesses” do espaço urbano, essa discussão voltou à tona.

Muito mais do que levar a arquitetura para os mais necessitados, devemos reinventar nossa prática profissional para sermos os agentes transformadores da sociedade atual e enfrentarmos os desafios, sociais, políticos e econômicos que estamos vivenciando diariamente em nossas cidades.

Esta edição de “O Essencial de Arquitetura e Urbanismo 2” apresenta experiências das mais diversas áreas da arquitetura e urbanismo, como: arquitetura, ensino, conforto ambiental, paisagismo, preservação do patrimônio cultural, planejamento urbano e tecnologia. Assim, busca trazer ao leitor novos conceitos e novas reflexões para a prática da arquitetura e do urbanismo.

Neste contexto, é abordada desde as metodologias pedagógicas ativas a serem utilizadas no ambiente escolar até a compatibilização de projetos com o uso da Metodologia BIM (Building Information Modeling). A acessibilidade é abordada a partir de diversas perspectivas: desde um edifício isolado até a acessibilidade de uma cidade, evidenciando a importância da discussão nos dias de hoje. Cabe destacar também os estudos de análise de edificações culturais e de cenografia de exposições e performances. A relação da cidade com o seu patrimônio cultural é tratada em diversos capítulos, desde a gestão patrimonial até a utilização de cemitérios como espaços de memória – uma iniciativa prática que demonstra que a arquitetura, assim como a cultura, está em todos os lugares. Dou ênfase também à importância dada ao patrimônio imaterial, tema de extrema relevância e que é, muitas vezes, desvalorizado pelo poder público.

A discussão sobre a dinâmica dos espaços urbanos é extensa e deveras frutífera. Nesta edição, os capítulos focam na importância da arborização urbana para o bem estar da população, na participação popular nas discussões sobre a cidade, na problemática da existência de vazios urbanos em áreas urbanas consolidadas, nas estratégias de *city marketing*, na cidade global e demais temas que comprovam a multiplicidade de questões e formas de análise que envolvem a discussão sobre a vida urbana.

Por fim, são apresentados estudos sobre novas tecnologias e materiais voltados ao desenvolvimento sustentável, especialmente no tocante à gestão de resíduos da construção civil e à mitigação de riscos e desastres.

Convido você a aperfeiçoar seus conhecimentos e refletir com os temas aqui abordados. Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONTRIBUIÇÕES DOS ANAIS PARA PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM ARQUITETURA E URBANISMO	
Sofia Pessoa Lira Souza Augusto Aragão Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.6611917041	
CAPÍTULO 2	13
INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E AS METODOLOGIAS PEDAGÓGICAS ATIVAS NA ESCOLA DO SÉCULO XXI	
Roberta Betania Ferreira Squaiella Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.6611917042	
CAPÍTULO 3	29
PROJETO DO FÓRUM ELEITORAL DE AFUÁ, O LUGAR SOB O PONTO DE VISTA DOS USUÁRIOS	
Angelo Pio Passos Neto Ana Klaudia de Almeida Viana Perdigão	
DOI 10.22533/at.ed.6611917043	
CAPÍTULO 4	44
PROCESSO DE PROJETO CENTRADO NO USUÁRIO: PENSANDO A ACESSIBILIDADE	
Vanessa Goulart Dorneles Isabela Fernandes Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.6611917044	
CAPÍTULO 5	61
ACESSIBILIDADE NA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO	
Lília Caroline de Moraes Cecília de Amorim Pereira Eduardo Raimundo Dias Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.6611917045	
CAPÍTULO 6	71
WRIGHT E SIZA: DOIS MUSEUS E O VISITANTE	
Andrya Campos Kohlmann Douglas Vieira de Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.6611917046	
CAPÍTULO 7	93
ENTRE O SÍMBOLO DO FASCIO - O PAVILHÃO FASCISTA EM SÃO PAULO	
Gustavo de Almeida Sampaio	
DOI 10.22533/at.ed.6611917047	

CAPÍTULO 8	106
A POESIA CÊNICA DE FLÁVIO IMPÉRIO: BREVE ANÁLISE DA CENOGRAFIA DE 'ROSA DOS VENTOS', DE MARIA BETHÂNIA (1971)	
Carlos Eduardo Ribeiro Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.6611917048	
CAPÍTULO 9	122
CURADORIA COLETIVA E MEDIAÇÃO CULTURAL NA ELABORAÇÃO DA EXPOSIÇÃO: "DO ECLETISMO AO CONTEMPORÂNEO"	
Alexandre Sônego Carvalho	
Ana A. Villanueva Rodrigues	
Geise Brizotti Pasquotto	
Jéssica Priscila Grando	
DOI 10.22533/at.ed.6611917049	
CAPÍTULO 10	131
INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE NA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO DE ECOVILAS: O CASO BEDZED	
Emiliana Rodrigues Costa	
Alexandre Pajeú Moura	
DOI 10.22533/at.ed.66119170410	
CAPÍTULO 11	145
WAYFINDING: FERRAMENTA DE PROJETOS NA GESTÃO HOSPITALAR	
Guilherme Gattás Bara	
José Gustavo Francis Abdalla	
Márcia Moreira Rangel	
DOI 10.22533/at.ed.66119170411	
CAPÍTULO 12	152
TRANSFORMATIONS TO THE CLOISTERS AND THRESHOLD OF PAVILIONS IN HOSPITALS OF MEXICO	
María Lilia González Servín	
DOI 10.22533/at.ed.66119170412	
CAPÍTULO 13	160
CONJUNTO ESCOLA PARQUE: PATRIMÔNIO MATERIAL DA BAHIA E REFERÊNCIA PARA CONJUNTOS ESCOLARES NO BRASIL	
Roberta Betania Ferreira Squaiella	
Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.66119170413	
CAPÍTULO 14	177
NOTAS PARA O ESTUDO DE CAPELAS DO CICLO DO OURO EM MINAS GERAIS	
Elio Moroni Filho	
DOI 10.22533/at.ed.66119170414	
CAPÍTULO 15	198
A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO EM COLATINA E SUA TRAJETÓRIA	
Alexandre Valbuza Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.66119170415	

CAPÍTULO 16	214
ESTUDO DAS ARGAMASSAS ANTIGAS DA IGREJA DE N. S ^a DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS EM SÃO CRISTÓVÃO SE/BR	
Eder D. da Silva Adriana D. Nogueira Taina G. dos Santos Gabriela de M. Rabelo Maisa da R. Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.66119170416	
CAPÍTULO 17	229
A INSERÇÃO DOS CEMITÉRIOS NA HISTÓRIA DA CIDADE DE BELÉM NO SÉCULO XIX	
Amanda Roberta de Castro Botelho	
DOI 10.22533/at.ed.66119170417	
CAPÍTULO 18	245
ITINERÁRIOS DA MEMÓRIA: O CEMITÉRIO COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	
Marcelina Das Graças De Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.66119170418	
CAPÍTULO 19	257
AS TESSITURAS DA MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO IMAGINÁRIA DO ESPAÇO: HISTÓRIA ORAL E PATRIMÔNIO NA PEDREIRA PRADO LOPES	
Alexandra Nascimento Alex César de Oliveira Fonseca Ingrid Nayara Brito Jhonatan Ribeiro Santos Letícia Ferreira D'Angelo Martin Nicolas Rodriguez Stenia Carvalho Pessoa Talita Freitas de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.66119170419	
CAPÍTULO 20	272
O CRESCIMENTO DAS AÇÕES DE PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL	
Monique Avelino Damaso	
DOI 10.22533/at.ed.66119170420	
CAPÍTULO 21	284
FESTA DE SANTA CRUZ EM OURO PRETOA TRADIÇÃO CULTURAL COMO ELEMENTO DE IDENTIDADE E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO PELA COMUNIDADE	
Letícia Campos Figueiras Fabiana Mendes Tavares Jacques	
DOI 10.22533/at.ed.66119170421	
CAPÍTULO 22	300
MEMÓRIA OU NOSTALGIA? AS RELAÇÕES CIDADE-EMPRESA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX: UM ESTUDO DE CASO DA SIDERURGIA EM MINAS GERAIS	
Ronaldo André Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66119170422	

CAPÍTULO 23	315
UMA RUA DE MUITOS LUGARES - ROTEIRO PELO CENTRO HISTÓRICO DE CUIABÁ	
Lúcia de Fátima Lobato Ferreira	
Francisco de Assis Pereira de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.66119170423	
CAPÍTULO 24	326
GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL: DIAGNÓSTICO DA ATUAÇÃO DO ESTADO EM SÍTIO TOMBADO	
João Gustavo Andrade Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66119170424	
CAPÍTULO 25	351
CONSELHO DE PATRIMÔNIO CULTURAL COMO AGENTE DA CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO E DA MEMÓRIA SOCIAL: ESTUDO DE CASO DO CMPC EM PIEDADE DO RIO GRANDE-MG	
Jucilaine Neves Sousa Wivaldo	
Gilson Camilo de Sousa Neto	
João Batista de Sousa Neto	
DOI 10.22533/at.ed.66119170425	
SOBRE A ORGANIZADORA	363

ITINERÁRIOS DA MEMÓRIA: O CEMITÉRIO COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Marcelina Das Graças De Almeida

Universidade do Estado de Minas Gerais, Escola de Design, PPGD

Centro Universitário Estácio de Belo Horizonte, Curso História, Bolsista Produtividade 2018

Endereço Postal

marcelina.almeida@uemg.br
almeidamarcelina@gmail.com

RESUMO: Belo Horizonte é uma cidade moderna, nascida na virada do século XIX, revelou-se como uma proposta nova em relação ao Arraial do Belo Horizonte, antigo núcleo colonial, local escolhido entre outros e sobre o qual foi erguida a nova capital do Estado de Minas Gerais. Esta proposta perpassava desde a composição estética - arquitetônica dos logradouros e prédios, bem como o perfil dos moradores que, além de serem novos e modernos, deveriam possuir novos hábitos e comportamentos naquilo que se relacionava ao convívio social. E neste convívio inclui - se a morte. E foi nesse contexto que o Cemitério do Bonfim nasceu. Nele podemos enxergar a mentalidade burguesa que norteou os princípios fundadores da capital, através da avaliação de sua arquitetura, dos artistas - artesãos que nele trabalharam e produziram artefatos tumulares singulares. O espaço foi, durante quase cinco décadas, o único local de sepultamento da

metrópole e, nesse sentido, guarda a memória da cidade e de seus habitantes. Trata-se de um espaço no qual diversas possibilidades de compreensão perpassando pela memória individual, coletiva, social, celebrativa e cívica. Estas questões vêm sendo exploradas através de um projeto de visitas guiadas, desde o ano de 2012, que possui como objetivo básico propor uma discussão sobre a qualidade do acervo contido no espaço cemiterial e suas potencialidades como lugar de educação patrimonial e cultural. Nesse sentido são construídos roteiros e trajetos de memória, através dos quais possam ser compreendidos os sentidos que cidade dos mortos estabelece com as cidades dos vivos.

PALAVRAS-CHAVE:

Patrimonial; Cemitério; Roteiros; Guiadas; Belo Horizonte.

Educação

Visitas

ABSTRACT: Belo Horizonte is a modern city, been born in the turn of century XIX, showed as a proposal new in relation to the Arraial of the Belo Horizonte, old colonial nucleus, local chosen among others and on which the new capital of Minas Gerais State was raised. This proposal passing through since the aesthetic composition - architectural of the public parks and building, as well as the profile of the inhabitants who, beyond being new and modern, would have to possess new habits and

behaviors in what he became related to the social conviviality. E in this conviviality includes - the death. E was in this context that the Bonfim Cemetery was born. In it we can enxergar the bourgeois mentality that guided the founding principles of the capital, through the evaluation of its architecture, of the artists - craftsmen who in it had worked and produced devices tumulares singular. The space was, during almost five decades, the only place of burial of the metropolis and, in this direction, it keeps the memory of the city and its inhabitants. One is about a space in which diverse possibilities of understanding running through for individual, collective, social, celebrative and civic the memory. These questions come being explored through a project of visits guided, since the year of 2012, that it possesss as objective basic to consider a quarrel on the quality of the quantity contained in the cemiterial space and its potentialities as place of patrimonial and cultural education. In this direction to scripts and passages of memory are constructed, through which the directions can be understood that city of deceased establishes with the cities of the livings creature.

KEYWORDS: Patrimonial Education; Cemetery; Guided tours; Belo Horizonte.

1 | INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivo apresentar o projeto que se realiza na cidade denominada Belo Horizonte situada no Estado de Minas Gerais, Brasil e que toma o Cemitério do Bonfim como foco principal. Trata-se de uma ação educativa fundamentada nos pressupostos da educação patrimonial, estabelecendo, por outro lado um diálogo com o turismo.

A realização de visitas educativas ao espaço cemiterial é um hábito comum ao universo pedagógico, sendo prática comum no cotidiano acadêmico de diversos docentes, entretanto o que torna o projeto peculiar é o fato de se tornar uma atividade extensionista, movida pela intenção de abraçar e envolver a sociedade em sua generalidade, e não somente a comunidade acadêmica, para realização da atividade. A proposta reúne os esforços de 03 (três) instituições públicas nomeadamente, a Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG, a Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica, FPMZ e o Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico, IEPHA, tendo sido selado um termo de cooperação técnica, através do qual, cada uma oferece para construção do programa, a *expertise* que lhe caracteriza. O IEPHA orienta as questões que envolvem a proteção do patrimônio estadual; a FPM responde pelo gerenciamento dos parques e necrópoles públicas municipais e a UEMG tem por missão promover o ensino, a pesquisa e a extensão, contribuindo para a formação do cidadão. No ano de 2018 o projeto ganhou o apoio financeiro do Centro Universitário Estácio de Belo Horizonte, através da concessão de uma bolsa de produtividade. E é o encaminhamento das atividades desenvolvidas serão apresentadas ao longo desse artigo.

A ação educativa acontece, oficialmente desde junho de 2012 e se estendem

na atualidade movimentando interesses e instigando a população belo-horizontina a participar e reconhecer espaços e ambientes públicos que podem ser apreciados e ocupados.

O artigo apresenta, inicialmente, a contextualização da história da cidade e do cemitério, em seguida é apresentado o projeto e seus desdobramentos e finalmente algumas considerações são apontadas, apesar de não serem conclusivas, indicam os rumos, nos quais se encontra a iniciativa de educação patrimonial e suas conexões com a cidade, o cemitério e paralelamente, o turismo.

2 | O CEMITÉRIO E A CIDADE: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Belo Horizonte foi inaugurada em 12 de dezembro de 1897. Aparentemente é uma jovem metrópole, porém portadora de uma história peculiar. Construída a partir dos pressupostos modernos condicionados ao final do século XIX, carrega os traços de modernidade, dos novos tempos e valores que a mentalidade no *fin-de-siècle* se caracterizava daquela época. Ao tornar-se objeto de estudo e investigação a cidade fornece ao pesquisador um imenso e multifacetado acervo para análise e compreensão. Uma cidade pode ser lida de muitas maneiras e, desta leitura Belo Horizonte não escapa. Os lugares, equipamentos urbanos, os habitantes e o modo como se relacionam com o ambiente podem se constituir um problema a ser confrontado e dissecado. É a partir deste viés que se elege o cemitério como tema de pesquisa, neste caso, o Cemitério do Bonfim. Um espaço revelador da vida social, cultural e política da cidade. Construído e inaugurado na mesma ocasião que a capital, o cemitério relata através de seus túmulos, lápides e mausoléus, uma parte significativa da capital (ALMEIDA, 2007, 1993, 1996, 1997).

Erguido fora do perímetro urbano o cemitério absorveu, em seu projeto e concepção, o imaginário da cidade a que estava destinado servir. O planejamento de sua localização implicava, também, projetar sua linguagem estética e arquitetônica. Para isto a equipe de arquitetos e desenhistas da Comissão Construtora da Nova Capital elaborou projetos que definiam os aspectos básicos do local, desde o portão principal, casa do zelador e necrotério. Trabalharam nos projetos o eminente José de Magalhães (1851 - 1899) chefe da Seção de Arquitetura da mencionada comissão, além de outros profissionais talentosos que deixaram seu registro em vários espaços da capital mineira (ALMEIDA, 2007, 1998).

O cemitério é um lugar privilegiado para se entender uma cultura. Através da arquitetura, escultura e artes decorativas cristalizam-se elementos simbólicos que, quando interpretados, permitem uma compreensão da sociedade na qual estão inseridos. Esta leitura da sociedade belorizontina pode ser feita tomando o cemitério como ponto de referência. Como parte do projeto republicano - positivista dentro do qual a capital mineira foi idealizada e erguida, representou rupturas decisivas numa sociedade tradicionalmente calcada na religião. Estas mudanças que se concretizam no

século XIX configuram-se como resultantes de um processo de laicização da sociedade ocidental que, teve início, no século XVIII, a partir dos debates iluministas que ganham volume e densidade com a Revolução Francesa e, finalmente se cristalizam em ações concretas nos oitocentos (ALMEIDA, 2007, 2004).

O Cemitério do Bonfim é considerado um cemitério oitocentista tardio e, conseqüentemente, nasce como resultante de todas as discussões que haviam se realizado no tocante à secularização dos espaços fúnebres, dos costumes e das sociedades. Até a década de 40 foi o único cemitério da capital. Todos eram nele sepultados. O traçado arquitetônico do cemitério obedece ao traçado geométrico da cidade. É composto por 54 (cinquenta e quatro) quadras divididas entre duas alamedas principais e diversas ruas secundárias. A parte central do cemitério é uma praça redonda ajardinada, tendo a imagem de Cristo, o Sagrado Coração, esculpida em bronze. Neste local está sepultado Otacílio Negrão de Lima (1897-1960), ex - prefeito de Belo Horizonte, à esquerda da praça, distando cinco quadras, encontra - se o prédio do necrotério. Trata - se de um prédio pequeno, construído dois anos antes da inauguração do cemitério. É o único bem tombado pelo patrimônio histórico naquele espaço. Predominam nas quadras localizadas nas alamedas principais os mausoléus, as capelas e sepulturas mais requintadas construídas com material nobre, muitas delas importadas de São Paulo, Rio de Janeiro e até mesmo do exterior. A maioria dos túmulos que ocupam estas quadras pertence às famílias influentes e importantes da capital mineira, bem como os túmulos - monumentos dedicados à nobreza política do Estado de Minas Gerais. Nas quadras mais afastadas da parte central e das alamedas encontramos sepulturas mais simples, destituídas de atributos e alegorias suntuosas. (ALMEIDA, 2007, 2004).

Nestes mais de cem anos de existência paralela à cidade dos vivos, a cidade dos mortos atravessou fases que acompanham as mudanças pelas quais sua parceira também vivenciou. Desde sua inauguração até a década de 30 é possível identificar uma variedade de túmulos que exploram os recursos estilísticos da época, o *art nouveau*, a influência francesa se faz sentir na decoração tumular importada do Rio de Janeiro, São Paulo e exterior, em alguns casos até mesmo a exploração de matéria - prima local. A utilização do bronze é mais perceptível a partir da década de 40, momento em que a massificação e a repetição de alegorias, imagens e símbolos predominam na escultura funerária. Nas décadas seguintes o fabrico tumular perdeu em qualidade artesanal e até mesmo em virtude da mudança de valores estéticos, sociais e mentais a opção por túmulos rebuscados foi se perdendo. (ALMEIDA, 1998, 2004, 2007).

Nos dias atuais não é hábito investir na confecção de túmulos grandiosos, o gosto predominante se revela na opção pela lápide de granito com o nome do falecido e às vezes uma cruz encimando a cabeceira da lápide. Na realidade a escolha é pelo afastamento em relação a este tipo de cemitério. A maior parte dos habitantes da capital prefere o sepultamento em outros espaços e em razão disto muitas sepulturas estão abandonadas, algumas semi - destruídas, revelando não apenas uma mudança

de concepção mental em relação à morte e o morrer, mas também um desprezo em relação à história, memória e preservação do patrimônio cultural da capital. As opções em relação aos espaços da morte foram ampliadas na capital mineira a partir da década de 40 e a preferência por ambientes com uma concepção estética e arquitetônica, diversos ao do Bonfim foram se tornando mais comuns.¹

Entretanto o Cemitério do Bonfim se destaca no cenário da cidade pela sua arquitetura, arte e história. Trata-se de um espaço significativo para se compreender Belo Horizonte e a educação patrimonial e ações de sensibilização da população acerca desta importância é uma ação pertinente para a preservação da memória e do patrimônio material e imaterial que compõe o acervo do espaço fúnebre. E é refletindo sobre este potencial que visitas de pesquisa são realizadas no cemitério e, tornaram-se, desde junho de 2012 um projeto extensionista, voltado para atender a população em geral.

3 | CEMITÉRIO DO BONFIM: ARTE, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

O Cemitério do Bonfim para além do cumprimento de suas funções habituais ligadas ao culto aos mortos vem sendo cada vez mais utilizado como lugar de turismo e espaço educativo. O hábito de ministrar aulas específicas utilizando o espaço cemiterial é atividade pedagógica recorrentemente praticada entre docentes e, de modo particular, na Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. Esta ação educativa vem se realizando através do trabalho de docentes em disciplinas diversas que são ministradas para os cursos de Design Gráfico, Design de Produto, Design de Ambientes e Licenciatura em Artes Visuais. De fato esse uso do cemitério como um espaço não formal de educação vem se consolidando há mais de 20(vinte anos), na medida em que grupos de estudantes de diversos níveis acadêmicos são convidados a participar de incursões pedagógicas, propondo a reflexão sobre a história e a relevância no tocante à preservação da cultura material e imaterial que envolve aquele lugar.

1 Em 1941 o Prefeito Juscelino Kubitschek (1902-1976) inaugurou o Cemitério da Saudade situado na Rua Juramento s/ n. no bairro que leva o mesmo nome do cemitério. Em 1967 a prefeitura entregou aos moradores o Cemitério da Paz, já adotando as características de cemitério-parque, sem túmulos tradicionais, alguns anos adiante o Cemitério da Consolação situado às margens da Estrada Velha para Santa Luzia era concluído. Estes são administrados pelo poder público. No início da década de 70 foi inaugurado o primeiro cemitério - parque de luxo da capital, o Parque da Colina, construído dentro de linhas modernas, eliminava os túmulos de grande proporção, objetivando transmitir “amabilidade” e “paz”. Localiza - se no bairro Nova Cintra. Temos, também, o Cemitério Israelita situado no bairro Jaraguá e desde a década de 80 o Cemitério Bosque da Esperança localizado às margens da Estrada Velha para Santa Luzia. Trata - se na atualidade de espaço para os mortos com características extremamente modernas e preferido por aqueles que possuem recursos para nele serem sepultados. É interessante observar que se contrapõe ao primeiro cemitério da capital até mesmo em relação ao nome. Enquanto o “Bonfim” faz alusão à morte como um fim, um ponto final, ainda que bom, entretanto o Cemitério Bosque da Esperança acena para a possibilidade de vencer a morte através da esperança, questão que é pertinente ao mundo contemporâneo no qual a medicina dotada de avançados recursos torna a morte um inimigo menos perigoso em relação o que foi no passado.

Entre os anos de 2010 a 2012 as visitas foram coordenadas pelas docentes Marcelina das Graças de Almeida e Patrícia Pinheiro, pois faziam parte do currículo das disciplinas “Fatores Filosóficos Sociais e Culturais I” e “Espaços Museográficos”, respectivamente. O objetivo destas visitas era, para além da coleta de material e investigação acadêmica, a promoção da educação patrimonial. Na realidade ao se pensar sobre esta questão o aspecto central é se pensar novas modalidades de compartilhar os estudos históricos, sociológicos, artísticos e, em consonância com a pesquisadora Pinheiro (2010, p.145):

Pensar o ensino de História é aprender, é criar possibilidades de saber, conhecer, fazer, viver juntos e se ser mais humano. Uma relação de ensino-aprendizagem que construa e pense a sala de aula como espaço privilegiado para perceber tensões, disputas, mas acima de tudo, como um campo de possibilidades para discutir e construir saídas de forma inteligente, criativa, planejada.

É a partir desta perspectiva que as visitas orientadas se constituíram como momento de ensino-reflexão e concomitantemente oportunizando o debate sobre os sentidos assumidos pelas questões que perpassam a ideia de patrimônio, conservação e proteção.

Atualmente as visitas, com propósitos acadêmicos, são coordenadas pela docente Marcelina das Graças de Almeida e desde o segundo semestre de 2012 e passaram a ser ofertadas à população belorizontina em sua totalidade. A proposta é conscientizar e ampliar o debate social acerca das noções que são discutidas no espaço acadêmico, mas que devem e podem ser ampliadas para a sociedade em civil, em geral. Cabe aqui, destacar o argumento da investigadora Pinheiro (2010, p.154), “A educação patrimonial é elemento a ser considerado no processo de salvaguarda das referências culturais.”, ou seja é necessário que:

[...] os educadores assumam esse compromisso e criem possibilidades de trabalhos teóricos e de campo para auxiliar a comunidade no processo de interlocução com a memória, com os lugares de memória, com a história local. É preciso despertar as populações para a percepção e valorização de lugares, de saberes, de celebrações, por meio de apreensões visuais dos bens da comunidade (PINHEIRO, 2010, p.154).

E é neste sentido, nesta vertente da educação e educação patrimonial e interlocução com a comunidade externa à academia que se consolidou o projeto de visitas ao Cemitério do Bonfim. Desde junho de 2012, foi selado um acordo entre a Universidade do Estado de Minas Gerais, a Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica e o Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico, cujo intuito era promover a visitação, para além do público acadêmico, àquele espaço. A primeira visita foi agendada para o dia 24 de junho e a divulgação foi realizada através das redes sociais. Mais de 30 (trinta) inscritos se dispuseram a participar do evento, movidos pelo desejo de conhecer o cemitério, explorando sua história e acervo. Desde essa data,

as visitas estão sendo realizadas de forma constante e sistemática, sempre contando com um número significativo de participantes revelando a importância desta ação.

Foram traçadas as condições para realização da visita e produzido um folder impresso e no formato digital que foi divulgado nos espaços públicos, bem como nas redes sociais, com o intuito de alcançar o maior número possível de público interessado e diversificado

A primeira visita teve boa recepção por parte do público inscrito, gerando, inclusive a necessidade de se abrir uma agenda com mais datas que pudessem atender à demanda engendrada através da proposição das atividades, posteriormente foi confeccionado um calendário que pudesse ser cumprido durante o segundo semestre de 2012.

Para se ter uma noção do fluxo de visitantes participantes das atividades educativas e culturais em relação ao Bonfim confira o quadro1 elaborado para identificar o volume de participação e interesse pela proposta apresentada, considerando o período, no qual, vem sendo realizado.



Fig.1 Folder para divulgação da primeira visita guiada

Fonte: Produzido em parceria com o setor de comunicação da Fundação de Parques Municipais.

Assim, compreende-se que para além da manutenção das atividades de condução e conscientização da importância das visitas é preciso que algumas ações sejam reforçadas e, outras ampliadas. É necessário, ampliar o atendimento aos visitantes, especialmente às escolas; treinar e qualificar monitores que possam auxiliar na construção e condução das visitas; propor oficinas para qualificar os funcionários, guarda municipal e administradores do cemitério; buscar investimentos e realizar ações que proporcionem as obras de conservação e restauro no prédio do necrotério, uma vez que o mesmo tem sido mantido fechado e, apesar de ser o único

bem tombado, no cemitério, pelo patrimônio histórico, desde 1977, não vem sendo utilizado da maneira como deveria, pois se entende que, tendo sido construído, em 1895, para ser o necrotério, em um espaço laico, sendo esta a característica peculiar do Cemitério do Bonfim, deve sofrer intervenções que permitam sua utilização da maneira mais democrática possível.

ANO	NÚMERO DE VISITANTES
2012*	121
2013**	220
2014	247
2015	236
2016	288
2017	281
2018	226
TOTAL	1.619
• *Junho/novembro	
• ** Fevereiro/novembro	

Quadro 1 – Fluxo de visitantes

Fonte: autoria própria

Na atualidade estão sendo construídos roteiros específicos para cada visita explorando, de forma mais complexa o acervo do espaço fúnebre na tentativa de criar itinerários que possibilitem compreender como se processa a memória e as lembranças que se constroem naquele local.

Os roteiros exploram temas que estão norteados pelos eixos destacados a seguir:

- 1- A história do cemitério e sua relação com a história da cidade;
- 2- A história da arquitetura e suas diversas manifestações na cidade enfatizando arquitetura tumular;
- 3- As diversas manifestações dos modelos e estilos arquitetônicos e estilísticos que se cristalizam na construção tumular;
- 4- As personalidades políticas que habitam o espaço cemiterial;
- 5- Os túmulos devocionais e os espaços de peregrinação e manifestação religiosa;
- 6- Os túmulos que guardam a memória dos artistas e personalidades voltadas para o universo das artes na capital mineira;

- 7- Os túmulos que guardam ou ocultam histórias de personagens que viveram na capital mineira;
- 8-As manifestações religiosas e a diversidade presente na decoração tumular;
- 9- Os relatos antropológicos que exaltam o mágico e o misterioso envolvido no cemitério e seus habitantes.
- 10 – Os túmulos que abrigam a memória cívica e política de personalidades que viveram e participaram da vida política da capital mineira.

E, ao explorar os aspectos anteriormente apontados que permitem a construção de roteiros específicos e múltiplos é possível pensar que “A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada” (CANDAU, 2016,p.16) e é esta faculdade que nos humaniza, sintetiza experiências e nos dá a “a força da identidade” (CANDAU,2016,p.17). E ao compreender, através da recuperação da memória voluntária, no Cemitério do Bonfim, se estabelecem os laços afetivos de imanência e pertencimento.

Para cumprir o calendário do ano de 2018, (Fig. 2) foram preparados e apresentados itinerários diversos, em cada mês, conduzindo os visitantes à compreensão das potencialidades imanentes guardadas no acervo do espaço cemiterial. Para cada visita mensal uma trilha era proposta aos inscritos no projeto.



VISITA GUIADA CEMITÉRIO DO BONFIM

História, Arte, Memória e Patrimônio

Venha conhecer esse museu a céu aberto e descubra os mistérios de sua construção e o significado de suas obras de arte.

CALENDÁRIO DE VISITAS 2018

(um domingo por mês, com início às 9h)

25/2	25/3	29/4	27/5	24/6
29/7	26/8	30/9	28/10	25/11

INSCRIÇÕES:
31 3277 9699 (Sônia) | agenda.visitasbonfim@pbh.gov.br
Rua Bonfim, 1.120 | Linha de ônibus 4114 (Bonfim)


UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE DESIGN


UEMG






MINAS
GERAIS


PARQUES E
ZOOBOTÂNICA


PREFEITURA
BELO HORIZONTE
INVESTINDO PARA UM BOM PRECISO

Fig. 2 Calendário das visitas para o ano 2018
Fonte: Fundação Municipal de Parques e Zoobotânica

Nesta reconstrução de trilhas da memória a partir das temáticas emergentes foram preparados alguns roteiros específicos que estão, na atualidade, conduzindo as atividades que envolvem as visitas. De fevereiro a novembro foram construídos os seguintes itinerários:

- Imigração e imigrantes no espaço cemiterial;
- A presença feminina no Cemitério do Bonfim;
- Religião e religiosidade no espaço fúnebre;
- Artes e artistas no espaço cemiterial;
- Personagens e personalidades no Cemitério do Bonfim;
- Esportes e esportistas no espaço cemiterial;
- As ruas da cidade no espaço cemiterial;
- A paisagem cemiterial e a paisagem da cidade: aspectos inexplorados.

Através das trilhas da memória que se permitem construir na medida em que cada túmulo, obra de arte ou elemento decorativo, nos possibilita acionar a memória voluntária e compartilhar com os visitantes interessados a compreensão da história da cidade, dos personagens que nela habitaram e hoje habitam a cidade dos mortos e, nesse sentido, interconectar memórias individuais e memórias coletivas. Estamos, também, pensando na memória como categoria e nesse caso como memória social e:

[...] a memória é um esforço organizado de intervenção na própria conjuntura, implicando intencionalidade sobre o modo de constituição simbólica, relacional e discursiva de realidades por meio do Estado, de movimentos sociais, de saberes, institucionais ou não, e de interesses socioeconômicos. A memória social deve ser pensada em seu contexto e produção sócio-históricos. Considerada à luz de seu sentido plural, é a expressão partilhada de um sentimento e de um modo de compreender e de se relacionar no mundo, uma singularidade social, bem como um campo de lutas simbólicas, discursivas e relacionais: lembranças, silêncios e esquecimentos. Por meio de um discurso, a memória institui uma cena [...] (MORAES, 2005, p.97)

E é a partir desta dimensão da memória que se consolidam as atividades educativas e, ao mesmo tempo investigativas para se compreender de modo mais profundo a complexidade do espaço fúnebre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As visitas realizadas no espaço do “Bonfim” integram e proporcionam a construção de identidades, auxiliam a construção do pensamento e ação no tocante à preservação e políticas de tombamento e a necessidade de se refletir, de maneira concreta acerca do cuidado com a memória coletiva, bem como da memória individual.

Através do projeto de extensão tem sido permitida a inserção do Cemitério do Bonfim no espaço cultural, artístico e turístico da cidade destacando o relevo dessa iniciativa que, concomitantemente, destaca-se como atividade pedagógica educando para o futuro, pensando sobre o passado e estimulando, no presente, as iniciativas para a preservação.

O projeto vem sendo construído de modo satisfatório, revelando-se uma iniciativa importante que tem se desdobrado em ações que passam pela educação patrimonial, pela ocupação da cidade e de seus diversos lugares, bem como um espaço relevante para o desenvolvimento de pesquisas.

A proposta é ampliar, ao máximo, o alcance das atividades, permitir que mais segmentos sociais se interessem pelo tema. Pretende-se: ampliar a oferta das visitas, atendendo um número maior de pessoas interessadas, bem como as instituições de ensino, quais sejam as escolas de ensino fundamental e médio, bem como ensino superior; dar continuidade às atividades de qualificação dos funcionários do Cemitério do Bonfim, ampliando o ângulo para que outras necrópoles municipais passem pela

mesma ação educativa; incentivar as pesquisas que tomem os cemitérios como objeto de estudo e, finalmente, buscar meios financeiros para que o projeto de recuperação e ocupação do antigo prédio do necrotério se concretize e passe a ser um local de produção e divulgação cultural.

Nesse sentido, entende-se que o projeto “Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial”, a cada ano se fortalecerá e permitirá que ações de proteção e cuidado com os espaços da cidade se transformem em um hábito fértil e salutar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. (2007). **Morte, Cultura, Memória: Múltiplas Interseções** – Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte. 2007. 404 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

_____. (1993) **Fé na Modernidade e Tradição na Fé: a Catedral da Boa Viagem e a Capital**. 1993. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

_____. (1996) A Catedral da Boa Viagem: Fé, Modernidade e Tradição. In: DUTRA, Eliana de Freitas (org.) **BH Horizontes Históricos**. Belo Horizonte: C/ARTE Editora.

_____. (1997) Belo Horizonte, Arraial e Metrópole: memória das artes plásticas na capital mineira. In: RIBEIRO, Marília Andrés e SILVA, Fernando Pedro da. (org.) **Um Século de História das Artes Plásticas em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Editora C/ARTE / Fundação João Pinheiro / Centro de Estudos Históricos e Culturais. Coleção Centenário.

_____. (1998) O Cemitério do Bonfim: a morte na capital mineira. **LOCUS Revista de História**. Juiz de Fora, n.º 2, v. 4, p. 131 – 142.

_____. (2004) Memórias, lembranças, imagens: o cemitério. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXX, n. 1, p. 105-122.

_____. (2014) Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim: controle e ordenação da morte nos primórdios da capital mineira. **Revista Eletrônica do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte**. Belo Horizonte, nº 1, v. 1, 1ª ed, p. 26-58. Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/noticia.do?evento=portlet&pAc=not&idConteudo=106177&pldPlc=&app=salanoticias>> Data de acesso: 15 de maio de 2014.

_____. (2016) A cidade e o cemitério: uma experiência em educação patrimonial. **Revista M**. Estudos sobre a morte e o morrer. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 1, p. 217-234, jan-jun, 2016. Disponível em: <<http://www.revistam-unirio.com.br/a-cidade-e-o-cemiterio-uma-experiencia-em-educacao-patrimonial/>> Data de acesso: 15 de maio de 2018

CANDAU, Joel. (2016) **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

MORAES, Nilson Alves de. (2005) . Memória social: solidariedade orgânica e disputas de sentido. In.: GONDAR, Jô e DODEBEI, Vera. (Org.). **O que é memória social?**. Rio de Janeiro: Contra Capa do Rio de Janeiro.

PINHEIRO, Áurea da Paz e PELEGRINI, Sandra C. A. (org.) (2010) **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. Teresina: EDUFPI.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-266-1



9 788572 472661